



Escola no espaço digital: escutando professores durante a pandemia

School in the digital space: listening teachers during the pandemic

Cláudia Braga de Andrade¹

Andrea Martello¹

Lucia Maria Freitas Perez¹

Cauana Mayrink Oliveira²

Victória Maria Lima Oliveira²

Larissa Conceição Araújo²

Resumo

Este depoimento apresenta a ação extensionista “Tempo de escuta: recriando laços em meio à pandemia” do Projeto de Extensão “Da escola à universidade: escutando o mal-estar e o sofrimento psíquico” desenvolvido pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Descreve as premissas da proposta do projeto que visa sustentar espaços de escuta como uma estratégia ética e política, apostando que o dispositivo promova a criação de novas narrativas, bem como a geração e o compartilhamento de formas alternativas na lida com os conflitos e impasses que se apresentam na escola na contemporaneidade. Apresenta a experiência da escuta de um grupo de professores da rede municipal de ensino, em encontros realizados através de uma plataforma digital durante a pandemia e destaca a metodologia aplicada e os efeitos produzidos em todo o grupo de trabalho.

Palavras-chave: Escuta. Professores. Mal-estar. Pandemia.

Abstract

This statement presents the extension action “Time to listen: recreating ties amid of the pandemic” of the Extension Project “From school to university: listening to malaise and psychological distress” developed by the Federal University of the State of Rio de Janeiro (UNIRIO). Describes the project proposal's premises that

¹Docentes na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - claudiabragaandrade@gmail.com, deamartello@gmail.com, luciafreitasperez@gmail.com.

²Discentes na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - cau.mayrink24@gmail.com, victoriaria944@gmail.com, larissaraujo123@gmail.com.



aim to sustain listening spaces as an ethical and political strategy, betting that the device promotes the creation of new narratives and the generation and sharing of alternative ways to deal with conflicts and impasses that arise at school in contemporary times. Presents the experience of listening to a specific group of teachers from the municipal education network, in meetings, held through a digital platform during the pandemic and highlights the applied methodology and the effects produced in the entire workgroup.

Keywords: Listening. Teachers. Malaise. Pandemic.

1 Introdução

Do ponto de vista da psicanálise, o mal-estar na cultura é inevitável, mas também é a partir da cultura que se pode encontrar modos de tratá-lo (FREUD, 1976). A complexidade que implica o relacionamento com o outro foi o que Freud destacou como uma grande fonte de sofrimento humano na sociedade moderna. Partimos da premissa que o mal-estar na cultura se torna um signo privilegiado dos efeitos das transformações em pauta na contemporaneidade (BIRMAN, 2012) e para pensá-lo podemos investigar as trocas contemporâneas em nossa cultura (DUNKER, 2015).

Podemos escutar o mal-estar de uma época buscando compreender como as mudanças relacionadas à organização social vêm afetando de forma intensa as práticas sociais e os estilos de vida que trazem novos desafios aos sujeitos. Procurando articular como profundas transformações na sociedade afetam o campo da Educação, podemos observar que a escola vive sob forte pressão de um modelo neoliberal, individualista, inspirado em ideais de eficiência, produtividade e desempenho (HAN, 2015). Ideais que se tornam presentes na comunidade escolar através da política educacional, da padronização dos sistemas de ensino, da lógica da eficácia, no ideal de autonomia, nos modelos competitivos construídos com base no discurso capitalista e no discurso científico-universitário (VOLTOLINI, 2001).



O paradigma do desempenho e a lógica da individualização provocam efeitos nas formas de laço social. No contexto da escola, suporte de um mosaico de relações professores-estudantes-comunidade, são produzidas formas de mal-estar acionadas através de diferentes nomenclaturas: fracasso escolar, sofrimento de professores e estudantes, excesso de trabalho, as manifestações de violência, problemas de aprendizagem, entre outros (CARNEIRO & COUTINHO, 2020).

O contexto atual de pandemia causado pela Covid-19 trouxe inúmeras demandas e mudanças da realidade do cotidiano escolar que promovem um aumento expressivo do mal-estar e do sofrimento psíquico. Com a suspensão das atividades presenciais nas escolas, respeitando as medidas de proteção à propagação do Coronavírus, uma nova realidade de convivência social foi sendo construída. O trabalho remoto exigiu a reinvenção dos sujeitos por diferentes realidades: adaptar-se a novas ferramentas digitais; explorar e criar formas de ensinar e aprender no ambiente virtual; acolher, no espaço privado da casa, o espaço público da escola, agora compartilhado por uma tela; lidar com o temor pela própria saúde, entre outras realidades (PEREIRA, SANTOS, MANENTI, 2021).

Tomando por base que o mal-estar é um efeito das transformações e das trocas em sua época, não cabe eliminá-lo, mas escutá-lo, abrindo a possibilidade de novas formas de lidar com ele (ANDRADE & COUTINHO, 2017; DUNKER, 2020). A partir dessa premissa, desenvolvemos uma proposta extensionista com o objetivo de oferecer um espaço de escuta aos professores da rede municipal de ensino. Algumas balizas sustentam este trabalho. Escutar o mal-estar faz parte de uma estratégia ética e política (CARNEIRO & COUTINHO, 2020). Ao sustentar a escuta do mal-estar, nos deparamos com um verdadeiro caleidoscópio de conflitos e impasses da escola na contemporaneidade. Neste sentido, ao invés de silenciar e diagnosticar o mal-estar, procuramos proporcionar dispositivos de escuta que promovam a possibilidade de criar formas de narrativas, de compartilhamento de alternativas coletivas e singulares de lidar com o mal-estar.



Neste depoimento de ação extensionista, descrevemos a experiência de um dispositivo de escuta com professores da rede municipal de ensino, destacando a metodologia aplicada e os efeitos produzidos em todo o grupo envolvido.

2 Desenvolvimento

A ação extensionista intitulada “Tempo de escuta: recriando laços em meio à pandemia” faz parte do Projeto de Pesquisa e Extensão “Da escola à universidade: escutando o mal-estar e o sofrimento psíquico” desenvolvido na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO. O Projeto tem como proposta a construção de uma agenda de intervenções em escolas e universidades, utilizando o dispositivo de escuta, através da atividade de rodas de conversas, dirigido a professores e estudantes.

Em função da pandemia que exigiu um isolamento social e conseqüentemente uma suspensão dos encontros presenciais, propomos uma readequação das ações do projeto. Passamos a utilizar plataformas virtuais, tornando viável a continuidade das atividades do projeto que, neste momento, se mostrava ainda mais pertinente.

A ação “Tempo de escuta: recriando laços em meio à pandemia” teve início em julho de 2020. Na ocasião, um grupo de professores da rede municipal entrou em contato com a Escola de Educação da UNIRIO, buscando a parceria com a universidade com a solicitação de um grupo de estudos ou curso. Essa demanda foi encaminhada à coordenação do projeto e propomos um encontro virtual para acolher e compreender melhor este pedido. Nesse primeiro contato, não foi a demanda de estudo que se sobressaiu, mas a necessidade de falar sobre a forte pressão que sentiam diante das mudanças provocadas pela pandemia nas suas rotinas e, sobretudo, nas atividades que desempenhavam na escola. Norteados pela proposta do projeto “Da escola à universidade”, oferecemos ao



grupo de professores um espaço de escuta na forma de roda de conversa que foi prontamente aceito.

Mantivemos, de julho a dezembro de 2020, encontros semanais com duração de uma hora, utilizando a plataforma do *Google Meet*. As rodas virtuais contavam com a presença da equipe do projeto três professoras de psicologia e educação, com formação psicanalítica, e três bolsistas do curso de pedagogia e um grupo de professores do Ensino Fundamental da rede municipal de ensino do Rio de Janeiro, que lecionam para turmas de até 30 alunos, do 1º ao 5º ano. Todos os encontros foram registrados, pelas bolsistas, através da elaboração de crônicas, nas quais foram ressaltados momentos importantes das rodas, falas dos professores e a percepção das autoras, a partir da escuta dos ditos, sobre o que ali se passava.

Na dinâmica dos encontros não havia um tema prévio, os professores eram convidados a falar livremente sobre suas experiências e vivências naquele momento. Os temas abordados variaram entre as demandas da escola e a vida pessoal dos professores, acrescidas das dificuldades e novos desafios introduzidos pela realidade caótica resultante do cenário de pandemia. A preocupação com a saúde, a necessidade de se reinventar enquanto profissionais, o acúmulo de tarefas e a sobrecarga emocional, eram alguns dos desafios enfrentados, mas, apesar disso, deixar a sala de aula não era uma opção para esses docentes.

Uma das pautas levantadas nas rodas de conversa foi o excesso de tarefas impostas aos professores, muitas delas de responsabilidade da coordenação da escola, como fazer a distribuição do material escolar e cesta básica, prestar atendimento de informação aos pais, além de terem que arcar com o acesso à internet a aquisição dos materiais necessários para o ensino remoto, como tripés e luminárias para as videoaulas.

Adaptar-se aos desafios tecnológicos foi outro ponto agravante ao sofrimento. Na busca de contato com alunos e responsáveis, optaram pelo *WhatsApp*, passando a utilizar o número pessoal de seus celulares para o trabalho,



o que era fonte de grande estresse, pois muitos pais entravam em contato para tirar dúvidas e se queixar dos filhos em horários e dias inapropriados. Declarações de cansaço excessivo em decorrência da jornada excessiva, o incômodo pelas interferências dos pais/responsáveis, quando a expectativa dos professores seria a de obter ajuda, foram problemas recorrentes. Queixas que se somavam à frustração decorrente da percepção de que alguns pais pouco valorizavam o que de fato seria o essencial do trabalho docente, como demonstra o depoimento de um professor, “mandei as atividades da semana no grupo, chegou uma mensagem (...), quando abri a conversa, era uma mãe, perguntando sobre a cesta”.

Exclamações como “a semana foi uma loucura!” foram constantes, corroborando afirmações que indicavam o quanto o excesso de demandas a eles destinadas havia sido fonte de muita de ansiedade. O medo era um sentimento predominante nas rodas, refletido, em um primeiro momento, no receio da inviabilidade de voltarem a lecionar presencialmente. Com o agravamento da pandemia, o receio se converteu para o oposto: o temor pelo retorno, zelando pela própria segurança, assim como por seus colegas e alunos. O contexto amparava essa reversão: as vacinas ainda não haviam chegado à fase de distribuição, além de estarem conscientes quanto à precariedade das condições de higienização da escola, haja vista o número reduzido de funcionários de limpeza, insuficiente para dar conta das medidas sanitárias exigidas em uma pandemia.

Simultaneamente, outra grande preocupação era com os estudantes que não podiam participar das aulas *online*, seja por falta de recursos tecnológicos, seja pela negligência no monitoramento, por parte de pais e responsáveis, quanto às atividades propostas. Comentavam sobre a necessidade de se repetir o conteúdo ministrado remotamente no retorno ao ensino presencial, para que nenhuma criança fosse prejudicada. Diziam isso com vigor e vontade de ensinar e, apesar de todos os esforços feitos durante o período remoto, o desejo era o de fazer seu trabalho bem-feito, com calma e sem apressar o processo de



aprendizagem. Além disso, falavam em, futuramente, revisar conteúdos e promover atividades que propiciassem o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita. Esses docentes desempenham tarefas para além de suas funções, movidos pelo desejo de se ajudarem mutuamente, visando às “suas crianças”, como se referiam aos seus estudantes.

Nas rodas de conversa, além desses impasses, outros também foram abordados, tais como: as dificuldades de adaptação ao aplicativo *Teams*, utilizado para os encontros remotos, ao novo currículo e às demandas direcionadas por parte da Secretaria e escola. Os professores nos descreviam realidades de práticas maçantes, decorrentes de conteúdos tradicionalistas, repetitivos e pouco lúdicos.

Diante das dificuldades, face às novas ferramentas e desafios a serem enfrentados, coube aos docentes a missão de se reinventar enquanto profissionais. Uma simples receita culinária, por exemplo, se tornou conteúdo para aulas de matemática e português. E mesmo com a pouca formação oferecida pela Secretaria Municipal de Ensino (SME), os professores não mediram esforços para buscar suas próprias fontes de inspiração.

Os encontros, calcados na prática da escuta, contribuíram na construção e/ou reforço dos laços existentes entre os docentes e todos os integrantes da atividade. Chamou-nos a atenção a solicitação, ao final do período letivo, tendo se esgotado o prazo inicialmente estabelecido para o funcionamento das rodas de conversa, que déssemos continuidade ao projeto, por mais um semestre. Os professores afirmaram seu desejo de experienciar o dispositivo por mais um tempo, de modo a que, no futuro, pudessem se habilitar a propor espaços de fala e escuta com seus alunos e com a comunidade escolar.

Considerando cada momento aqui descrito e seus detalhes, destacamos a elaboração de crônicas pelas bolsistas como forma de registro. Tais testemunhos buscavam registrar como a palavra circulava no grupo, destacando falas, impressões e o que teria sido mais marcante a cada encontro. Acentuavam a posição dos professores e situações nas quais discordavam da coordenação da escola ou da metodologia que lhes era imposta. Segundo esses professores, tais



metodologias, de cunho tradicionalista e maçante, estavam, por vezes, distanciadas de propostas que levassem, de fato, a uma flexibilização do ensino, através de um formato mais lúdico e dialético que tanto almejavam.

Após a escuta desses professores e o registro em crônica, as cronistas-bolsistas refletiam sobre o que presenciaram no dispositivo, enquanto ouvintes, e o que isso representava como efeito em si e nos professores. É digno de nota a relação de confiança mútua entre os professores coordenadores e os bolsistas-cronistas, constituindo um laço social que mobilizou horas de toda a equipe na elaboração dos efeitos dos encontros, construindo, coletivamente, a identidade do projeto.

A construção das crônicas era semanal e essas eram lidas e discutidas nos encontros de reunião da equipe do projeto. Dentre suas finalidades, serviram de respaldo para a formulação de uma devolutiva para os professores, trazendo o que restou da escuta nas rodas de conversas. As bolsistas também se utilizaram dessas crônicas para fazer apresentações sobre a atividade de rodas de conversa em congressos, fazendo assim com que o dispositivo fosse divulgado e conhecido por outros discentes e profissionais da área da educação.

3 Conclusão

Por todos esses aspectos, consideramos que o retorno adquirido por meio das rodas de conversa, de um modo geral, tem sido significativamente positivo. Agregando não só à vida dos professores que já exercem o magistério, como também a das bolsistas, que ao estudarem no curso de pedagogia, e pelo contato com a realidade nas escolas, tem refletido mais do que nunca, sobre a necessidade se pensar “uma educação para e pela escuta” (DUNKER, 2020).

Foram muitos os ganhos no exercício da escrita das crônicas para o aprofundamento dos estudos sobre o tema central dessa atividade. Além disso, ter acesso aos dilemas e lutas enfrentadas pela classe docente de perto tem despertado, em todos os participantes dos encontros, a consciência da



importância de se ouvir o outro, entendê-lo e acolhê-lo. De certo, tem produzido muitos ganhos e o desejo desses professores de replicar as rodas entre seus alunos e colegas de trabalho deixa isso notório.

A pandemia da Covid-19 trouxe uma situação inusitada para todos, alunos, professores, escolas, secretarias de educação, que não estavam preparados para o enfrentamento de uma doença tão séria e que atinge o essencial da educação: o convívio. Não estar na escola vai muito além de trazer prejuízo à aprendizagem; a falta de convívio e de socialização, em muitos casos, significa não ter acesso a muitos direitos básicos, essenciais à sobrevivência.

Acreditamos que, com esse dispositivo de escuta, voltado a um tratamento possível do mal-estar docente, especialmente nesses tempos de pandemia, estejamos, também, propondo uma ação efetiva na causa dos direitos humanos e oferecendo uma contribuição às políticas públicas voltadas para o campo educacional. Afinal, se muitos discutem e se preocupam com as novas tecnologias e metodologias a serem empregadas dentro desse contexto emergencial, é também imperativo que esforços sejam envidados no cuidado objetivo e subjetivo com esse “trabalhador” tão especial, que, não apenas viabiliza o sucesso ou o fracasso de todas as políticas e metodologias adotadas no espaço escolar, como também, é ele que, com o seu próprio ser, contribui para que algo seja transmitido às novas gerações.

A crise sanitária e humanitária trouxe a obrigação de se readaptar, reaprender a viver, e nesse caso, reaprender a escutar. Nesse “novo normal”, a cada encontro, os docentes trabalham seus vínculos, na escuta e na troca, na abertura para as dores do outro, para os desejos mais singelos e para a alegria reencontrada a cada novo avanço com estudantes, pais e responsáveis.

Uma ponderação que fazemos se refere à dificuldade de acesso a um grupo maior de professores. Mantemos nosso desejo de expandir a atividade, entendendo que quanto maior o alcance, maior os benefícios para todos envolvidos nesta rede. Da parte das bolsistas, os efeitos das rodas foram muitos, destacando-se a importância de efetivamente se colocar a escuta na prática de



sala de aula e no ambiente escolar. Essa experiência pôs em evidência o valor da escuta para o fortalecimento de uma rede de trocas, contribuindo para a construção e sustentação de laços sociais.

Referências

ANDRADE, C. B. & COUTINHO, L. G. A escola é nossa: uma escuta do movimento das ocupações. In: Pereira, M.R. (org) **Os Sintomas na Educação de Hoje: Que Fazemos com Isso?**, Scriptum Ed., 2017. ISBN 978.85-9494-004-9.

BIRMAN, J. **O sujeito na contemporaneidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CARNEIRO, C. & COUTINHO, L. G. **Infância, adolescência e mal-estar na escolarização: estudo de casos em psicanálise e educação**. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2020. 132 p. E-Book: 1,1 Mb; PDF.

DUNKER, C. **Mal-estar, sofrimento e sintoma**. São Paulo: Boitempo, 2015.

_____. **Paixão da ignorância: a escuta entre Psicanálise e Educação**. São Paulo: Editora Contracorrente, 2020.

FREUD, S. O mal-estar na Civilização. In: **Obras Completas de Sigmund Freud**, Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Editora, v. XXI, 1976. Originalmente publicado em 1930.

HAN, B. C. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

PEREIRA, P. H.; SANTOS, V.F.; MANENTI, A.M. Saúde mental de docentes em tempos de pandemia: os impactos das atividades remotas. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, v. 3, n. 9, p. 26-32, aug.2020. ISSN 2675-1488. Disponível em: <<https://revista.ufrb.br/boca/article/view/Pereiraetal>>. Acesso em: 28 mar. 2021.

VOLTOLINI, R. Do contrato pedagógico ao ato analítico: contribuições à discussão da questão do mal-estar na educação. **Revista Estilos da Clínica**. São Paulo, v. 6, n. 10, p. 101-111, 2001. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282001000100009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 30 março 2021.